

# “Como eu aprendo?”: um estudo sobre os estilos de aprendizagem de discentes do Curso de Bacharelado em Hotelaria da UFPB

Jammilly Mikaela Fagundes BRANDÃO<sup>1</sup>  
Joelma Abrantes Guedes TEMOTEO<sup>2</sup>

Resumo: Entende-se por estilo de aprendizagem o resultado da bagagem hereditária, das experiências vivenciadas pelo aprendiz e das exigências do ambiente, que enfatizam algumas habilidades sobre as outras. A identificação dos estilos de aprendizagem dos alunos possibilita ao professor a utilização de estratégias de ensino adequadas, ou seja, metodologias que se aproximem das preferências cognitivas dos alunos. Nesse sentido, esse estudo tem como objetivo central analisar os estilos de aprendizagem de discentes de cursos de bacharelado em hotelaria da Universidade Federal da Paraíba, com base no Inventário de Kolb (1984). Com efeito, buscou-se identificar como os alunos do curso superior de hotelaria aprendem, verificar o estilo de aprendizagem desses alunos e propor sugestões de estratégias de ensino que atenda aos estilos de aprendizagem identificados. A pesquisa realizada se caracteriza como uma *survey* descritiva, utilizando-se, assim, de uma abordagem quantitativa. O inventário de Kolb (1984), foi aplicado com 32 graduandos em hotelaria da UFPB, de diferentes períodos. Dentre as principais constatações, destaca-se que grande parte dos alunos possui, predominantemente, o estilo de aprendizagem divergente, estilo marcado pela sua capacidade de imaginação, reflexão e formulação de ideias, sendo assim são demandadas estratégias de ensino adequadas para melhorar a qualidade no processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Estilos de Aprendizagem. Discente de Hotelaria. Estratégias de ensino.

## Introdução

Sabe-se que crianças e adultos possuem modos diferenciados de aprender e isso não pode deixar de ser considerado no planejamento e desenvolvimento do processo de aprendizagem. A qualidade da educação no ensino superior, assim como nos demais níveis, está associada às condições proporcionadas pelas instituições que ofertam o ensino, dentre essas os materiais didáticos, as metodologias utilizadas e a qualificação dos docentes, e esses aspectos precisam ser planejados, definidos e executados de acordo com o estilo de aprendizagem do aluno.

Entende-se por estilo de aprendizagem o resultado da bagagem hereditária, das experiências vivenciadas pelo aprendiz e das exigências do ambiente, que enfatizam algumas habilidades sobre as outras (Kolb, 1984; Felder, 2002; Cranton, 2006). A definição do estilo de aprendizagem de um indivíduo sofre influência de vários elementos, dentre os quais

---

<sup>1</sup> Mestre em Administração (PPGA/UFPB). Pós-graduada em Turismo e Desenvolvimento Local (CCTA/UFPB). Bacharel em Administração (CCSA/UFPB) e em Hotelaria (CCTA/UFPB). Professora Substituta do Departamento de Turismo e Hotelaria- DTH/UFPB. Email: [jammillybrandao@gmail.com](mailto:jammillybrandao@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFPB). Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFPB). Pós-graduada em Turismo de Base Local (CCTA/UFPB). Bacharel em Turismo e em Comunicação Social (UFPB). Professora Assistente do Departamento de Turismo e Hotelaria – DTH/UFPB. Email: [joelma.abrantes@gmail.com](mailto:joelma.abrantes@gmail.com).

estão valores, cultura, status social, personalidade, emoções, percepções, e motivações (Kolb, 1984).

Existem diversas teorias, definições e instrumentos capazes de avaliar o estilo de aprendizagem predominante em um indivíduo. Dentre os autores que abordam esta temática estão Witkin (1977), Felder (2002) e Cranton (2006), entretanto, uma das abordagens mais aplicadas no Brasil é a desenvolvida por Kolb (1984). O referido autor desenvolveu um instrumento – Inventário de Estilo de Aprendizagem, que tem como objetivo identificar as características de cada indivíduo como aprendiz. Conforme Kolb (1984), grande parte das pessoas desenvolve estilos de aprendizagem que facilitam o desenvolvimento de determinadas habilidades e limitam a construção de outras, assim, o indivíduo pode apresentar um estilo predominantemente acomodador, divergente, assimilador ou convergente.

No contexto da educação superior, o conhecimento do estilo de aprendizagem do aluno pode auxiliar na consolidação de práticas significativas de aprendizagem. A identificação dos estilos de aprendizagem dos alunos possibilita ao professor a utilização de estratégias de ensino adequadas, ou seja, metodologias que se aproximem das preferências cognitivas dos alunos. Diante do exposto, surgiu o interesse em investigar: **Como os discentes de cursos de bacharelado em hotelaria da UFPB aprendem?**

Nesse sentido, esse estudo tem como objetivo principal analisar os estilos de aprendizagem de discentes de cursos de bacharelado em Hotelaria da Universidade Federal da Paraíba, com base no Inventário de Kolb (1984). Com efeito, buscou-se identificar como os alunos do curso superior de hotelaria aprendem, verificar o estilo de aprendizagem desses alunos e propor sugestões de estratégias de ensino que atenda aos estilos de aprendizagem identificados na pesquisa.

## **A Influência das Experiências no Processo de Aprendizagem do Discente**

A experiência tem um papel fundamental no processo de aprendizagem, em especial do aprendiz adulto. É a partir da experiência que o aprendiz adulto se dispõe ou se reprime a participar de alguma atividade de desenvolvimento (Argyris, 1982; Kolb, 1984; Knowles, 1975; Schön, 1987; Merriam, Caffarella, & Baumgartner, 2006).

Partindo do pressuposto que os adultos vivenciam um número maior e diversificado de experiências ao longo da vida (Kolb, 1984; Merriam, Caffarella & Baumgartner, 2006), a educação de adultos deve utilizar estratégias de ensino e aprendizagem com um enfoque na individualização, ou seja, em que o próprio aprendiz é um recurso de aprendizagem, sendo necessário utilizar técnicas como discussões de grupo, exercício de simulação, atividades que envolvam resolução de problemas, estudos de casos, entre outras que explorem a própria experiência do aprendiz (Knowles, Horton & Swanson, 2011).

As experiências do adulto geram impacto na sua aprendizagem, uma vez que criam uma diversidade de diferenças individuais, fornecem um rico recurso para a aprendizagem, geram conceitos prévios que tanto podem inibir como facilitar uma nova aprendizagem, e fornecem uma base para a autoidentidade do adulto. Merriam, Caffarella e Baumgartner

(2006) enfatizam que as pessoas carregam um conjunto de esquemas que refletem as suas experiências, denominado por Kolb (1984) como os “reservatórios de experiências” ou “loja de lembranças na mente”, sendo esse a base para assimilar novas informações. De acordo com Kolb (1984), quando o reservatório de experiências do aprendiz é insuficiente para solucionar seus problemas diários, eles desenvolvem uma necessidade de aprender para que possam em seguida colocar esse novo aprendizado em prática.

É importante observar que essa bagagem experiencial pode contribuir para a efetividade da aprendizagem, mas também pode se refletir de modo negativo, caso o adulto desenvolva hábitos mentais ou predisposições que o torne resistente a novos modelos e abordagens (Argyris, 1982; Schön, 1987). Ao perceber esse conflito, é responsabilidade do educador desenvolver maneiras que ajude esse aprendiz a reavaliar sua postura, assim como auxiliá-lo para a aceitabilidade de novas abordagens (Knowles; Horton; Swanson, 2011). Nesse caso, o processo de “desaprender” é tão importante quanto o processo de um novo aprendizado, no qual se faz necessária a mudança no modelo mental.

Entende-se por modelos mentais as idéias profundamente arraigadas, as generalizações ou até mesmo as imagens que influenciam a maneira de enxergar o mundo e as atitudes dos indivíduos (Senge, 1990). Em outros termos, são estruturas cognitivas que surgem das experiências individuais vivenciadas ao longo da vida. Logo, defende-se que para a aprendizagem ser efetiva, os aprendizes adultos precisam identificar seus modelos mentais e, quando necessário, aprender a modificá-los.

Aliado a isso, destaca-se a importância de se conhecer como o adulto aprende. Quanto maior for o conhecimento sobre as características individuais e cognitivas do aprendiz melhor será o planejamento de qualquer estratégia didática, visto que esta poderá melhor adequar-se a diversidade em questão. O mapeamento das características individuais dos alunos, considerando que esses possuem origens, culturas, hábitos e experiências diferenciadas, pode oferecer maior flexibilidade, personalização e interatividade (Bolzan, 1998). Teorias que busquem identificar as características cognitivas do aluno de nível superior, como teorias de estilos de aprendizagem, temática da próxima seção, configuram-se como uma boa alternativa para auxiliar na compreensão de como as diferenças individuais interferem na aprendizagem (Smith, 2002).

## **Estilos de Aprendizagem**

Diversos autores, inclusive da literatura sobre a aprendizagem de adultos, abordam os estilos de aprendizagem. Conforme Felder e Silverman (1996), a utilização consistente das teorias de estilos de aprendizagem pode ser constatada em três aspectos: no despertar a atenção de educadores para as diferenças individuais dos alunos, como ponto de partida para alunos explorarem suas preferências, como um catalisador de discussões sobre melhores estratégias didáticas.

Kolb (1984), um dos principais teóricos dessa abordagem, evidencia que a compreensão sobre as diferentes formas de aprender poderá possibilitar a superação das dificuldades na educação. Entende-se que a identificação dos estilos de aprendizagem dos

alunos possibilita ao professor ou ao próprio aluno, considerando a aprendizagem autodirecionada, utilizar estratégias de ensino adequadas, ou seja, metodologias que se aproximem das preferências cognitivas dos alunos, favorecendo e incentivando o desenvolvimento de outros estilos, maximizando a capacidade de adaptabilidade e flexibilidade (Kolb, 1984; Cardoso, Jandl Júnior, 1998).

Estilo de aprendizagem, conforme Felder (2002), e Cranton (2006), trata-se do conjunto de preferências que as pessoas possuem na forma de receber, processar, armazenar e utilizar uma nova informação. Para Sadler-Smith (1996), estilo de aprendizagem é o modo distintivo e habitual pelo qual o aprendiz adquire conhecimentos, habilidades e atitudes através do estudo ou experiência. Trata-se de comportamentos espontâneos demonstrados em situações de aprendizagem. Embora, os estilos de aprendizagem sejam associados a características internas, evidenciando-se como um processo cognitivo, Felder (2002) destaca que os estilos de aprendizagem são habilidades que podem ser desenvolvidas.

Cardoso e Jandl Júnior (1998, p. 137), ressaltam que o conceito de estilo de aprendizagem compreende três componentes: (a) representa o modo de se processar a informação; (b) trata-se de uma seleção dinâmica de estratégias de aprendizagem e, (c) influencia a percepção do aluno no que diz respeito a sua aprendizagem. Nesse sentido, o estilo de aprendizagem pode ser compreendido como o modo particular do indivíduo aprender, expressando assim facilidades na aprendizagem de alguns conteúdos e limitações na aprendizagem de outros, que são observados pelo comportamento do aprendiz. É importante destacar que o aprendizado é orientado por abordagens individuais caracterizadas por estruturas adaptativas, assim como resultado da maturação, o estilo de aprendizagem pode mudar conforme o tempo (Kolb, 1984).

Vários estudos foram desenvolvidos com o objetivo de identificar os estilos de aprendizagem de estudantes de diferentes áreas. Atualmente, diversas contribuições sobre essa temática são encontradas em literaturas internacionais e nacionais. Dentre os estudos estrangeiros, destaca-se o de Glass (2008), que analisou comparativamente o impacto dos estilos de aprendizagem na escolha por métodos de ensino tradicional e virtual em programas de doutorado. No Brasil, estudos também foram desenvolvidos com a finalidade de identificar os estilos de aprendizagem dos estudantes universitários nas mais diversas áreas de conhecimento. Em contrapartida, Smith (2002) destaca que embora muitas pesquisas já tenham sido realizadas, ainda é um desafio saber como os sujeitos aprendem.

Um dos instrumentos mais utilizados na avaliação do estilo predominante de aprendizagem dos indivíduos é o inventário desenvolvido por Kolb (1984). O referido autor, baseado nos trabalhos de teóricos da aprendizagem experimental, como John Dewey, Kurt Lewin e Jean Piaget, desenvolveu um instrumento – Inventário de Estilo de Aprendizagem, que tem como objetivo identificar as características de cada indivíduo como aprendiz.

Conforme Kolb (1984), grande parte das pessoas desenvolve estilos de aprendizagem que facilitam o desenvolvimento de determinadas habilidades e limitam a construção de outras. Assim, o indivíduo pode apresentar um estilo predominantemente

acomodador/ativo, divergente/reflexivo, convergente/pragmáticos e assimilador/teóricos. O modelo desenvolvido por David Kolb (1984) classifica os estilos de aprendizagem pelas preferências por experiências concretas/ativas ou conceitualizações abstratas/observações reflexivas, determinantes na maneira como os alunos internalizam as informações.

O aluno de estilo acomodador aprende com maior expressividade quando as atividades são apresentadas de modo mais objetivo e são relativamente curtas. Alunos com predominância desse estilo são voltados para a prática, ou seja, possuem maior capacidade para executar planos e experimentos e envolver-se em novas experiências, assim, métodos que os coloquem na ativa, como estratégias de aprendizagem em ação (Jogos de empresa, resolução de casos, entre outros), e tarefas competitivas realizadas por equipes de trabalho, tendem a resultar em uma aprendizagem muito mais significativa. Por outro lado, contextos em que se demandam passividade do aprendiz, como por exemplo, ouvir palestras ou aulas extremamente expositivas, configuram-se como situações limitantes de aprendizagem.

O aprendiz com predominância de estilo convergente também possui pré-disposição para aprendizagem quando estão em contato com a prática, entretanto, são indivíduos que preferem lidar com materiais a lidar com pessoas. Aprendem melhor quando há uma clara ligação entre a visão do sujeito e o problema ou a oportunidade no trabalho. Gostam de confrontos com a técnica e com processos que podem ser aplicados em suas circunstâncias imediatas. Em contrapartida, têm mais dificuldade de aprender a partir de acontecimentos que parecem distantes de sua própria realidade.

O aprendiz de estilo divergente apresenta características marcadas pela sua capacidade de imaginação, reflexão e formulação de ideias e tem forte interesse por pessoas, além de ser considerados emotivos. Alunos com predominância desse estilo aprendem melhor a partir de atividades em que possam ficar recuados, ouvindo e observando. Gostam de colher informações e que lhes seja dado o tempo para pensar sobre elas. Têm mais dificuldade de aprender quando atirados sobre as atividades, sem o tempo necessário para planejar.

O estilo de aprendizagem do tipo assimilador é caracterizado pela facilidade de criação de modelos teóricos e pela assimilação de informações desconstruídas. Alunos com esse estilo são menos interessados em pessoas e se mostram mais preocupados com conceitos abstratos. São também denominados teóricos por se interessar pela teoria, apresentando preocupação mínima sobre seu uso prático. Alunos com predominância desse estilo aprendem melhor quando podem reavaliar as coisas, como: um sistema, um conceito, um modelo ou uma teoria. Interessam-se em absorver ideias, ainda que possam estar distantes da realidade atual. Têm mais dificuldade de aprender a partir de atividades sem este tipo de configuração explícita ou implícita.

Felder e Silverman (1996) destacam que a aprendizagem pode ser prejudicada quando o método de ensino do professor não se adequa ao estilo de aprendizagem do aluno, considerando que ele pode se apresentar insatisfeito, entediado e desanimado com o curso, resultando em deficiências de aprendizagem e até mesmo evasão acadêmica. Nesse sentido, a importância de conhecer os diferentes estilos de aprendizagem está atrelada ao fato de

que o desenvolvimento de métodos e técnicas de ensino adequadas ao perfil do aluno pode melhorar a qualidade no processo de ensino-aprendizagem (Cardoso & Jandl Júnior, 1998; Bonham, 1989). No contexto do ensino superior, o conhecimento do perfil do aluno pode ampliar a utilização de diferentes estratégias de ensino, auxiliando na consolidação de práticas significativas de aprendizagem.

## **Procedimentos Metodológicos**

Considerando que o objetivo central deste trabalho é analisar os estilos de aprendizagem predominante dos discentes de cursos de bacharelado em Hotelaria da Universidade Federal da Paraíba, com base no Inventário de Kolb (1984), utilizou-se nessa pesquisa do método *survey*, fazendo uso da abordagem quantitativa descritiva.

A escolha pela abordagem quantitativa justifica-se pelo próprio objetivo da pesquisa, cujos dados coletados podem ser quantificáveis, classificados e analisados. A pesquisa descritiva, conforme sua própria denominação sugere, objetiva a descrição das características de determinado fenômeno ou população (Gil, 2007, Sampieri, Collado & Lucio, 1991), aplicando-se, assim, a finalidade desta pesquisa.

A pesquisa *survey* é descrita como o modo de obter informações de um grupo específico de pessoas – representante de uma população em estudo - sobre suas características ou percepções, por meio da aplicação de um questionário como instrumento de pesquisa. Ou seja, trata-se de um método em que a busca de informações é feita diretamente com o grupo de interesse, fazendo uso de um “instrumento predefinido” (Fonseca, 2002, Freitas *et al.*, 2000, p. 105). Tais características vão ao encontro do que se almejava realizar nesse estudo.

Quanto ao contexto e sujeitos da pesquisa, este estudo teve como população-alvo alunos dos cursos de graduação em hotelaria da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. O estudo foi realizado com os alunos da referida instituição por viabilidade e acessibilidade, dado que duas autoras deste estudo compõem o corpo docente do departamento de turismo e hotelaria da UFPB. Os sujeitos da pesquisa foram selecionados de forma aleatória entre os discentes dos cursos de hotelaria da UFPB. Participaram da pesquisa 32 discentes, sendo esses de diferentes períodos. Vale destacar que os questionários foram aplicados durante o mês de dezembro de 2014.

No que se refere ao instrumento de coleta de dados, visando atingir os objetivos específicos dessa pesquisa, utilizou-se de um questionário constituído por duas seções. A primeira seção consiste no levantamento de informações gerais sobre o sujeito participante da pesquisa, na qual foram questionados o período/semestre em que o participante da pesquisa se encontra atualmente, o gênero, a idade, o estado civil, se o mesmo trabalha, com quem reside, se possui filhos, se possui outra formação superior. Na segunda seção, buscando a identificação do estilo de aprendizagem dos alunos do curso de bacharelado em hotelaria da UFPB, foi utilizada a versão traduzida do inventário de estilos de aprendizagem, de Kolb (1984), constituído por 12 assertivas.

O inventário dos estilos de aprendizagem, desenvolvido por David Kolb (1984), tem como objetivo identificar as características de cada indivíduo como aprendiz. Nele há 12 sentenças e cada sentença tem quatro campos de respostas. O participante classifica cada campo de forma a retratar a maneira como ele age ao ter que aprender algo. As informações foram tabuladas no excel, e a análise foi realizada com base no cálculo estabelecido pelo próprio autor (Kolb, 1984).

## **Resultados**

Nesse estudo, buscou-se verificar o perfil de discentes de cursos de bacharelado em hotelaria, analisar como eles aprendem e, assim, identificar o estilo de aprendizagem predominante nas salas de aula do curso superior de hotelaria da Universidade Federal da Paraíba. Os resultados serão apresentados nas subseções a seguir.

### **Perfil dos sujeitos da pesquisa**

Buscando-se verificar o perfil dos sujeitos participantes da pesquisa - discentes de cursos de bacharelado em hotelaria, foi questionado o período/semestre em que o participante da pesquisa se encontra atualmente, o gênero, a idade, o estado civil, se o mesmo trabalha, com quem reside, se possui filhos, se possui outra formação superior.

Atendendo a esse objetivo, constatou-se que a maioria dos discentes que participou desta pesquisa estava na metade do curso, ou seja, entre o quarto e o sexto período (18), os demais estavam cursando entre o 1º e o 3º período (10) ou já estavam em fase de conclusão – entre o 7º e o 8º período (04). A maioria dos respondentes foi do gênero feminino (20), ou seja, dentre o total dos participantes apenas 12 eram do gênero masculino. Estes possuíam idades distribuídas, em que a grande maioria se encontrava no intervalo entre 18 e 22 anos (19) e entre 23 a 27 anos (9). Todavia, 3 discentes possuíam idade acima dos 27 anos, dentre esses, 2 possuíam idade acima dos 40 anos. Quanto ao estado civil, a grande maioria dos discentes informou estar solteiro (31), enquanto apenas 1 se encontrava casado. A maioria informou ainda não ter filho (31), enquanto apenas 1 possui filho. Nenhum discente informou ter outra formação superior. A maioria dos discentes não trabalha (28) e vivem com os pais (26), os demais moram com amigos (4) ou com outros parentes (2).

No entanto, cabe ressaltar que embora se tenha verificado a predominância dessas categorias, foi observado que os alunos se alicerçam por distintos grupos sociais, possuem diferentes idades e compromissos sociais diversos e isso precisa ser considerado no planejamento das estratégias, dos métodos e recursos a serem utilizados nos cursos. Compreender quem é o aluno universitário é o primeiro passo para tornar o ensino superior mais eficaz em seu propósito: educação embasada na criticidade (Freire, 2003). Conhecer as características e necessidades dos alunos poderá aperfeiçoar a qualidade do ensino e, conseqüentemente, otimizar a formação dos futuros hoteleiros.

### **Como os alunos de hotelaria aprendem?**

Existem fatores mediadores associados ao perfil do aluno adulto, que tanto podem facilitar como dificultar os processos de aprendizagem, dentre esses o estilo de aprendizagem do aluno. Assim, além das questões sócio-demográficas foi utilizado o inventário de estilos de aprendizagem de Kolb (1984), solicitando aos participantes (alunos do curso de hotelaria da UFPB) que atribuísse o maior valor (4) ao complemento da sentença que caracteriza como ele aprende melhor decrescendo até apontar “1” para o complemento da sentença que caracteriza a maneira menos provável de como ele aprende algo. A descrição e análise dos resultados foram realizadas a partir das respostas dadas pelos alunos com a classificação mais alta (4), já que era objetivo desse estudo compreender como os discentes de hotelaria aprendem.

Na primeira sentença, pedia-se o complemento para a afirmação “Enquanto aprendo...”, e grande parte dos alunos (14 discentes) respondeu que “gosta de observar e escutar”, 07 responderam que “gostam de pensar sobre ideias”, 05 informaram que “gostam de estar fazendo coisas” e 06 que “gostam de lidar com meus sentimentos”. Na segunda sentença, pedia-se o complemento para “aprendo melhor quando...” e 14 alunos completaram com “ouço e observo com atenção”, e os demais responderam “me apoio em pensamento lógico” (6), “confio em meus palpites e impressões” (6), e trabalho com afinco para executar a tarefa (6).

Completando a terceira sentença que afirmava “quando estou aprendendo...”, 17 alunos responderam que “fico quieto e concentrado”, 11 informaram que “tendo a buscar explicações para as coisas e 4 revelaram que “sou responsável acerca das coisas”. Na quarta sentença era preciso complementar a afirmação “aprendo...” e os alunos responderam: observando (12 discentes), pensando (12 discentes), sentindo (5 discentes) e fazendo (3 discentes).

Na quinta sentença, pedia-se o complemento para a frase “enquanto aprendo...”, e 13 alunos responderam “me abro a novas experiências”, 8 informaram que examinam “todos os ângulos da questão”, 8 que gostam de “analisar as coisas e desdobrá-las em partes”, e 3 afirmaram que gosta de “testar as coisas”. Na sexta sentença, a afirmação era “enquanto estou aprendendo...” e nessa, 13 alunos informaram “sou uma pessoa observadora, 8 disseram “sou uma pessoa lógica”, 6 se percebem como uma “pessoa ativa”, e 5 se dizem “intuitiva”.

Ao questionar sobre como os alunos aprendem melhor, na sétima sentença, 13 alunos afirmar que é por meio de “oportunidades para experimentar e praticar”, 7 informaram que é por meio de “interações pessoais”, outros 7 responderam que é por meio de “teorias racionais” e 5 disseram que isso acontece com a “observação”. A oitava sentença pedia um complemento para a frase “enquanto aprendo...” e 11 alunos responderam “sinto-me pessoalmente envolvido no assunto”, 9 alunos informaram “penso antes de agir”, 8 alunos afirmaram que gostam “de ver os resultados de meu trabalho” e 4 que gostam “de ideias e teorias”.

Respondendo a nona sentença, 13 alunos informaram que aprendem melhor quando se apóia em suas próprias observações, 7 disseram que isso acontece quando podem experimentar coisas por si mesmo, outros 7 afirmaram que isso acontece quando se apoia em suas próprias ideias, e 5 quando se apóia em suas próprias impressões. Completando a décima sentença que dizia: “Quando estou aprendendo...”, 11 alunos informaram “sou uma pessoa flexível, 10 disseram “sou uma pessoa responsável”, 8 responderam “sou uma pessoa racional” e apenas 3 informaram “sou uma pessoa competetrada”.

Na décima primeira sentença, que pedia um complemento para a frase “Enquanto aprendo...”, foram obtidas 12 respostas “gosto de observar”, 9 “avalio as coisas”, 6 “me envolvo todo” e 5 “gosto de estar ativo”. Por fim, na última sentença, buscava-se um complemento para a frase “aprendo melhor quando...” e foram obtidas 8 respostas para cada uma das opções: “analiso as ideias”, “sou receptivo e de mente aberta”, “sou cuidadoso” e “sou prático”.

Com base nesse levantamento, foi possível identificar que grande parte dos alunos possui como estilo de aprendizagem predominante o divergente (12 discentes). Todavia, dentre os participantes da pesquisa havia também alunos com a predominância de outros estilos de aprendizagem, sendo 09 assimiladores, 08 convergentes e 03 acomodadores. Observa-se a partir desses dados, que aulas expositivas, fazendo o uso de recursos como slides e vídeos parecem ser uma boa estratégia para boa parte dos discentes. Em contrapartida, alunos mais ativos, podem ficar dispersos, pois para esses a aprendizagem só acontece quando eles de fato participam do processo.

Logo, os docentes precisam fazer uso de diferentes estratégias de ensino que busquem atender aos diferentes estilos de aprendizagem, ou seja, somando a aulas expositivas, a resolução de casos, a participação em simulações e jogos empresariais, a análise fílmica, a construção de mapas conceituais, dentre outras. O professor deverá ser criativo e se preocupar não apenas com o "que", mas com o "por que" e o "como" o estudante aprende (Cyrino & Toralles-Pereira, 2004).

### **Estratégias de ensino**

Após constatar a presença de diferentes estilos de aprendizagem nas salas de aula do curso de hotelaria, observa-se a necessidade da utilização de diferentes estratégias de ensino como um meio de incorporar ao processo de formação do hoteleiro uma relação mais forte entre a teoria e a prática, a reflexão e a ação, de tal forma que possibilite um aprendizado transformador para os estudantes.

Nesse estudo, serão enfatizadas as estratégias de ensino em ação, pois essas buscam renovar a formação do hoteleiro conforme a sua realidade. Através dessas estratégias é possível desenvolver o autodirecionamento no aluno, proporcionar o trabalho em equipe, incentivar a prática reflexiva, encorajar a troca de experiências e estimular o debate e discussões sobre os problemas e processos de tomadas de decisão, que podem promover mudanças nos seus quadros de referência e em suas perspectivas de significado. São elas:

Métodos de Casos, Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL – Problem Based Learning), Simulações e Jogos Empresariais.

O método de casos é frequentemente confundido com o método de estudo de caso, no entanto, enquanto o primeiro refere-se a uma escolha pedagógica, ou seja, um instrumento didático, já o último trata-se de uma escolha metodológica (Cesar, 2005). No método de caso, não se busca chegar a conclusões teóricas que representem avanço científico, mas sim desenvolver questões que levem o aluno a tomar decisões para a ação considerando o cenário proposto no caso. Os casos auxiliam no aperfeiçoamento das habilidades analíticas dos alunos, pois eles precisam apresentar provas quantitativas e qualitativas para apoiar as suas decisões Hammond (2002). Na aplicação do método, os alunos são desafiados a defenderem seus argumentos e análises e assim vão aprimorando a sua capacidade reflexiva e de resolução de problemas.

No método de caso, o aluno deve ter uma postura ativa, realizando suas escolhas e decisões a partir da reflexão sobre suas próprias experiências (Bachelard, 1996). Cesar (2005) destaca que uma das vantagens do método de casos é que os mesmos propiciam que os alunos desenvolvam atitudes e comportamentos que lhes serão exigidos futuramente em situações profissionais. Portanto, os métodos de caso se configuram como uma estratégia de ensino interessante para os cursos de hotelaria, pois possibilita a análise de situações reais do contexto hoteleiro. De todo modo, cabe ao professor a análise do conteúdo de sua disciplina para verificar a adequabilidade da utilização de casos, assim como da inserção dos mesmos no plano de aula.

O método PBL, conhecido no Brasil como Aprendizagem Baseada em Problema, trata-se uma estratégia de ensino que valoriza o autodirecionamento e a troca das experiências na busca da resolução dos problemas. A Aprendizagem Baseada em Problema, como o próprio nome sugere, consiste em um problema real ou simulado, cujo aluno precisa solucioná-lo por meio do desenvolvimento de habilidades e atitudes e do pensamento crítico (Gertzman & Kolodner, 1996; Soares & Araújo, 2008). Em grupo, os alunos devem buscar solucionar problemas complexos, relacionados à realidade do mundo em que vivem (Carvalho, 2006), desenvolvendo assim sua capacidade de comunicação, de reflexão e de resolução de problemas (Forrester, 2004; Larsson, 2001).

Nesse sentido, o PBL vai de encontro ao modelo tradicional de ensino-aprendizagem, pois ao invés do professor transmitir conhecimento ao aluno, ele mesmo é o responsável pela busca de conhecimento necessário à solução de um dado problema. A Aprendizagem Baseada em Problemas tem sido atualmente usada em diferentes áreas de conhecimento, na qual vem se propagando como uma metodologia eficaz no ensino. Dentre as vantagens da Aprendizagem Baseada em Problemas, destacam-se: o favorecimento da aquisição de conhecimentos de maneira mais expressiva e duradoura e o desenvolvimento de habilidades e atitudes profissionais positivas por parte dos estudantes, independente da área de conhecimento (Ribeiro, 2005; Gil, 2005).

A simulação é uma estratégia de ensino em que os alunos em grupo são expostos a situações práticas e precisam identificar, estudar e planejar novas iniciativas de negócios,

exercendo, assim, um papel ativo na aquisição de conhecimentos necessários para a compreensão e resolução do problema (Souza & Dandolini, 2009; Varga *et al*, 2009). Segundo Law e Kelton (1991), o método permite a possibilidade da reaplicação precisa dos experimentos, a manipulação das condições experimentais, o que não seria possível no sistema real, a avaliação de longos períodos em um espaço curto de tempo; a economicidade se comparada a experiências no sistema real, pois estas, quando realizadas, podem acarretar consequências danosas ou irreparáveis.

Shannon (1998) afirma que a simulação é vista como uma forte estratégia de ensino, visto que contribui na formação dos estudantes para agirem conscientemente no processo de tomada de decisão e em sistemas complexos. Em contrapartida, o uso de simulações exige uma estrutura adequada oferecida pela universidade para que os professores possam se utilizar de mecanismos que buscam favorecer aos estudantes a reflexão do mundo real, a discussão de decisões, a dinamicidade e economicidade e, assim, desenvolver habilidades para a sua formação profissional.

Os jogos de empresas partem dos princípios da simulação e possuem na sua maioria o objetivo de ampliar os conhecimentos dos participantes por meio da vivência (Marcolan, 2009). Apesar de não se referirem a mesma técnica, jogos de empresas e simulações se utilizam de modelos representativos da realidade para alcançar os objetivos a que se propõem. Segundo Sauaia (1995), os jogos empresariais recriam uma entidade organizacional por meio de materiais escritos (balanços patrimoniais, demonstrativos de caixa, demonstrativos de resultados, correspondências de trabalho, relatórios anuais e planos de gestão) e, muitas vezes, contam com a ajuda de um programa de computador.

Em outros termos, o jogo de empresa é uma sequência de tomadas de decisões que influenciam o estado patrimonial e reitual das empresas fictícias, à luz das quais os participantes tomam novas decisões e assim sucessivamente (Tanabe, 1977). Os participantes assumem os diferentes papéis gerenciais, estabelecidos e apresentados previamente, definem as metas funcionais e as estratégias de sua organização simulada. Eles têm controle de suas ações e acompanham os resultados produzidos por suas decisões (Sauaia 1995).

Essas são apenas algumas estratégias de ensino que estimulam o autodirecionamento dos estudantes e os conduzem a um aprendizado transformador por meio de reflexões, experiências e vivências, que podem estar sendo adotadas pelos docentes do curso de hotelaria, tendo em vista que aproximam a teoria à prática e incentivam a interdisciplinaridade, otimizando o processo de aprendizagem dos alunos.

## **Considerações Finais**

Entende-se que as experiências vivenciadas pelo aprendiz, sejam essas profissionais, sociais ou de educação formal, exercem influência na aprendizagem, podendo ser tanto propulsora quanto inibidora. Partindo desse ponto, ressalta-se a necessidade do alinhamento das estratégias de ensino às características individuais do aluno, de modo que esses possam vivenciar experiências significativas e transformadoras.

É importante que os docentes tenham conhecimento de diferentes estratégias de ensino e busquem potencializar o aprendizado dos alunos por meio da relação entre os conhecimentos teóricos e científicos com os conhecimentos práticos e vivenciais. Conseqüentemente, isso irá levar o aluno ao pensamento crítico e sistêmico, capazes de resolver melhor os problemas que poderão lidar enquanto futuros gestores no contexto da hotelaria. Nesse sentido, espera-se que este estudo leve os docentes, não apenas do curso de hotelaria da UFPB, mas também das demais áreas e das demais instituições, a refletir sobre a importância da identificação do estilo de aprendizagem de seus alunos, bem como, a relevância do alinhamento entre as estratégias de ensino e o modo particular de aprender de cada discente.

Sabe-se que a imaturidade do aluno, a falta de estrutura e apoio da instituição, e o próprio sistema do ensino, dentre tantas outras limitações, como o tempo curto de uma disciplina, as salas super lotadas e o próprio desinteresse/desmotivação por parte do aluno, dificultam a implantação das estratégias de ensino sugeridas nesse estudo, o que contribuem para que os docentes continuem utilizando métodos tradicionais que não atendem mais às exigências atuais para uma boa formação de um aluno em hotelaria. Entretanto, mesmo com esses fatores limitadores, os docentes precisam refletir sobre o seu papel no processo de aprendizagem, sobre suas perspectivas acerca da aprendizagem e sobre suas estratégias de ensino. Isso se estende aos demais participantes envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem para que eles interajam mais entre si e unam os seus esforços, possibilitando melhorias consistentes na qualidade do ensino superior em Hotelaria.

Este estudo consistiu em um esforço inicial na compreensão dos estilos de aprendizagem alinhados às estratégias de ensino em ação, mas outras pesquisas podem ser realizadas para aprofundar a discussão. Dessa forma, recomenda-se que pesquisas futuras abordem o impacto real desses fatores inibidores no desenvolvimento das estratégias de ensino em ação e a percepção dos discentes sobre as estratégias de ensino adotadas no curso de hotelaria e turismo.

## **Referências**

Argyris, C. (1982). Reasoning, learning and action: individual and organizational. San Francisco: Jossey-Bass.

Bachelard, G. (1996). A Formação do Espírito Científico. Rio de Janeiro: Contraponto.

Bolzan, R. F. F. de A. (1998). O conhecimento tecnológico e o paradigma educacional. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Bonham, L. Adrienne. (1989). Using Learning Styles Information, Too. In: HAYES, E.R. (ed.). New Directions for Continuing Education, n. 43, p. 29-40. São Francisco: Jossey-Bass.

Cardoso, S. M. V., & Jandl Jr. P. (2012). Estilos de Aprendizagem: aprendendo a aprender. Direito-USF, v.15, n.2, p. 135-145, 1998. Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/jandl/artigos/Estilos.pdf>>. Acesso em: 26 ago.

Carvalho, Mariana Aldrigui. (2006). PBL no ensino da hotelaria: Reflexões iniciais. In: SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, 4, 2006, Caxias do Sul. Anais... Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul.

Cesar, Ana Maria Roux Valentini Coelho. (2005). Método do estudo de caso (case studies) ou Método do caso (teaching cases)? Uma análise dos dois métodos no ensino e pesquisa em Administração. REMAC Revista Eletrônica Mackenzie de Casos, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1.

Cranton, P. (2006). Understanding and Promoting Transformative Learning. A Guide for Educators of Adults. Second Edition. San Francisco: Jossey-Bass.

Cyrino, Eliana Goldfarb, & Toralles-Pereira, Maria Lúcia. (2004). Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v. 20, n. 3. mai./jun..

Felder, R. M., & Silverman, L. K. (1996). Learning and teaching styles in engineering education. Journal of Engineering Education, v. 78, n. 7, p. 674-681. Disponível em: <[http://www.ncsu.edu/public/Learning\\_Styles.html](http://www.ncsu.edu/public/Learning_Styles.html)>. Acesso em: 15set. 2012.

Felder, Richard M. (2002). Author's Preface to Learning and Teaching Styles in Engineering Education.

Fonseca, J. J. S. (2002). Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC. Apostila.

Forrester, Victor. (2004). Problem-based Learning: a Problem with Education? Hong Kong Teachers' Centre Journal. v. 3.

Freire, P. (2003). *Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freitas, H., Oliveira, M., Saccol, A. Z., & Moscarola, J. (2000). O Método de Pesquisa Survey. Revista de Administração, São Paulo, v. 35, n.3, p. 105-112, julho/setembro.

Gertzman, Alice., & Kolodner, Janet L. (1996). A case study of Problem-Based Learning in a middle school science class: lessons learned. Edu Tech Institute. Georgia Institute of Technology. Atlanta.

Gil, A. C. (2007). Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas.

Gil, Antônio Carlos. (2005). Metodologia do Ensino Superior. 4. ed. São Paulo: Atlas.

Glass, M. J. (2008). Experiential Learning Styles and instructional delivery in doctorate programs. Virginia, 2008. Dissertation – Regent University - School of Psychology & Counseling.

Hammond, John S. (2008). Learning by the case method. Harvard Business School. Rev. apr. 16, 2002. Soares e Araújo.

Knowles, M. S, Holton, E. F. & Swanson, R. A. (2011). The adult learner: The definitive classic in adult education and human resource development - 7th edition. London: Elsevier. 2011.

Knowles, M. S. (1975). Self-directed learning: A guide for learners and teachers. EnglewoodCliffs: Prentice Hall/Cambridge.

Kolb, D. (1984). Experiential Learning: Experience as The Source of Learning and Development. Prentice Hall, New Jersey.

Larsson, Jon. (2001). Problem-Based Learning: A possible approach to language education? Polonia Institute: march.

Law, Averill M., & Kelton, W. (1991). David. Simulation, modeling & analysis. Second Edition. New York: McGraw-Hill.

Marcolan, Ângela Focking. (2009). A influência de um jogo de empresas na percepção da necessidade de desenvolvimento de competências em integrantes de empresas familiares. 2009. 105 f.

Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Merriam, S. B., Caffarella, R. S., & Baumgartner, L. M. (2006). *Learning in adulthood* (3rd ed.). San Francisco: John Wiley & Sons.

Ribeiro, Luis Roberto de Camargo. (2005). *A Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL): uma implementação na educação em engenharia na voz dos atores*. 2005. 209 f. Tese (Doutorado em Educação) — Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos.

Sadler-Smith, E (1996). Learning styles: A holistic approach. *Journal of European Industrial Training*. v.20, n.7, p. 29–36.

Sampeire R. H., Collado C. F. & Lucio B. P. (1991). *Metodología de La investigación*. México: Mcgraw Hill.

Sauaia, Antonio Carlos Aidar. (1995). *Satisfação e aprendizagem em jogos de empresas: contribuições para a educação gerencial*. 1995. 273 f. Tese (Doutorado em Administração). – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Schön, D. (1987). *Educating the reflective practitioner. Toward a new design for teaching and learning in the professions*. San Francisco: Jossey-Bass. 1987.

Senge, Peter. *A Quinta Disciplina*. Tradução Regina Amarante. São Paulo: Best Seller, 1990.

Shannon, R.E. (1998). *Introduction to the Art and Science of Simulation*. Winter Simulation Conference. CA, USA: IEEE Computer Society Press Los Alamitos.

Smith, M. K. Malcolm Knowles, informal adult education, self-direction and andragogy. In *the encyclopedia of informal education*. 2002. Disponível em: [www.infed.org/thinkers/et-knowl.htm](http://www.infed.org/thinkers/et-knowl.htm). Acessado em: 31 de ago. 2011.

Souza, João Artur de., & Dandolini, Gertrudes Aparecida. (2009). Utilizando simulação computacional como estratégia de ensino: estudo de caso. *CINTED-UFRGS: Novas Tecnologias na Educação*. v. 7, n. 1, Julho.

Tanabe Mario. *Jogos de Empresas*. (1977). Dissertação (Mestrado em Administração). – Faculdade de Economia e Administração, USP, São Paulo.

Varga, Cássia Regina Rodrigues, & Almeida, Volia De Carvalho.; Germano, Carla Maria Ramos [et al]. (2009). *Relato de Experiência: o Uso de Simulações no Processo de Ensino-aprendizagem em Medicina*. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica*. v. 2, n. 33, p. 291–297.

Witkin, H. A., & Berry, J.W. (1975). Psychological differentiation in cross-cultural perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 1, 5–87. 1975.